

TRANS-TERRITORIALIDADES, MODAS E ESPAÇO URBANO*TRANS-TERRITORIALITIES, FASHIONS AND URBAN SPACE***Márcia Maria Couto Mello**¹**Ariadne Moraes Silva**²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo trazer à baila uma discussão sobre diversas questões que transitam entre as modas e o espaço urbano. Aparentemente distintas áreas do conhecimento, percebe-se a partir das arquiteturas, das vestes e das urbanidades, que existem interferências entre elas que podem ser decisivas para a configuração do território e a adequação do indivíduo em um determinado espaço, compondo harmonicamente uma só imagem cultural. Por se tratar de um ensaio, os critérios metodológicos adotados se baseiam na pesquisa bibliográfica e na análise crítica da questão.

PALAVRAS-CHAVE: Modas; Espaço Urbano; Urbanidades.

ABSTRACT: *This study aims to bring up a discussion on various issues that flow between fashion and urban space. Apparently distinct areas of knowledge, it is clear from the architecture, clothing and urbanities that there are interferences between them that can be decisive for the configuration of the territory and the suitability of the individual in a given space, harmoniously composing a single cultural image. . As it is an essay, the methodological criteria adopted are based on bibliographical research and critical analysis of the issue.*

KEYWORDS: *Modas; Espaço Urbano; Urbanidades.*

¹ Dra. em Arquitetura e Urbanismo (UFBA), professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador (PPDRU / UNIFACS) e Professora Pesquisadora do Instituto Ânima SOCIESC de Inovação, Pesquisa e Cultura

² Dra. em Arquitetura e Urbanismo (UFBA e Université Paris 8, Vincennes Saint-Denis), professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU / FAUFBA); Pós-doutora pela Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB)

INTRODUÇÃO:

Mesmo que ainda possa parecer utopia estabelecer uma interdependência entre as modas, a arquitetura e o espaço urbano, uma série de inter-relações, que ocorrem de forma múltipla entre estas aparentemente tão distintas áreas do saber, determina interconexões são facilmente percebidas no cenário contemporâneo.

As interferências entre modas, arquiteturas e urbanidades, podem ser compreendidas a partir da configuração de uma multiplicidade de territorialidades provocadoras de novas inserções e conexões urbanas – um trans espaço mutante, híbrido e visceral, onde a cidade se prolifera através de uma heterogeneidade de condicionantes culturais, estéticos, éticos, econômicos, sociais, ambientais e políticos.

Acontecimentos engendrados em função dos fenômenos urbanos contemporâneos também definem novos comportamentos, que são modificados pelas imposições de adaptação do indivíduo aos novos meios ocorrentes no cenário global, sobretudo os de cunho científicos e tecnológicos, gerando novas modalidades de vestir, alimentar, trabalhar, morar, deslocar, comunicar, relacionar. Novos modos, quando aceitos em uma determinada sociedade ou rede de convivência (aberta ou fechada, real ou virtual), contaminam ideais coletivos dos indivíduos, definem novos imaginários espaciais, se transformam em modas e, conseqüentemente, a cada mudança e novas descobertas, provocam sempre novos modos, impressões e sensações – uma sequência continuada: sem começo ou fim, como um rizoma³.

Face às questões expostas, tem-se por objetivo discutir sobre as relações dos indivíduos e seus processos de subjetivação com os espaços intangíveis, pelo fato de se observar uma contínua formatação dos modos, explícitos no comportamento dos sujeitos

³ Em oposição à lógica binária e arborescente, Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam, a partir de uma série de enunciados, uma quebra com o sistema hierárquico e ordenado, ou seja, propõem uma rede de pensamentos que cria uma ruptura com o próprio pensamento piramidal – rizoma. Um desses princípios é exatamente o princípio da multiplicidade. As multiplicidades, portanto, são rizomáticas. E o rizoma é uma antigenealogia (por oposição ao modelo da árvore). Um rizoma constitui um sistema aberto de relações e conexões sempre em processo, sempre em transformação. Um rizoma é feito de platôs e um platô está sempre no meio, *entre*, sem início ou fim.

contemporâneos, no momento em que a interconectibilidade assume a condição de interface entre as pessoas e os seus espaços de convivência.

A metodologia adotada para este ensaio, seguem os critérios sugeridos por Meneghetti (2011). Se baseiam na pesquisa bibliográfica para a coleta de dados, os quais propõem questionamentos que orientam o leitor para reflexões mais aprofundadas e o induzem à construção de uma análise crítica sobre o tema.

TRANS-TERRITORIALIDADES, MODAS E ESPAÇOS URBANOS

Nos pensamentos pós-estruturalistas⁴, também aparecem exaltadas as questões do individualismo subjetivo e dos múltiplos territórios de trânsito e coexistência. Ao analisar a micropolítica do cotidiano e as revoluções moleculares, propostas por Deleuze e Guattari (1996, p. 83-116), Silva (2009, p. 52) percebe a cidade como o território das relações humanas e verdadeiros palcos de coexistência, destacando as arenas de coalizão de forças, de intensidade de *quanta* e de diferenças – toda uma gama de multiplicidades de ações e de modos de vida. A micropolítica, as micro ações, a vida cotidiana e ordinária e até pequenas construções de ruptura e de questionamento a um determinado sistema imposto, podem ser considerados importantes focos para a criação de novas territorialidades ou processos de desterritorialização.

Portanto, de que maneira se daria a produção da subjetividade nas cidades e quais seriam os modos possíveis do indivíduo se posicionar nesse território – onde existe um incessante bombardeio de sedução, informações e consumo? Georg Simmel (1902), já advertia para a necessidade de fortificar o intelecto criticamente, para que se criasse uma certa proteção da vida “individual”, frente ao poder avassalador da vida metropolitana. Desde o início do século XX, Simmel se coloca a investigar de que forma a personalidade do indivíduo se acomoda nos ajustamentos das forças externas, a partir

⁴ Alguns autores desenvolveram pesquisas questionando o mundo da representação clássica e estruturalista, a exemplo de Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Paul Virilio, Félix Guattari, Gilles Deleuze.

da base psicológica do tipo metropolitano de individualidade definindo blocos de estímulos e sensações criados pela metrópole.

Segundo Félix Guattari (1992), a problemática urbana está intimamente ligada à fabricação dos destinos da humanidade, onde o indivíduo participa de um amplo processo social em que suas subjetividades são construídas, sejam em esferas individuais e/ou coletivas. Ou seja, a produção da subjetividade também se faz por entre máquinas sociais de diferentes naturezas. Conforme o pensamento de Guattari e Rolnik (1993):

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p.33)

Os territórios de uma cidade não estão mais ordenados em pontos precisos, mas se arraigam em universos incorporais. A própria subjetividade transita entre fluxos de signos, fluxos sociais, fluxos materiais e pertence também ao âmbito de um nomadismo. Logo, as condições de um tempo em que os acontecimentos são encarados simultaneamente, inúmeras plataformas se estabelecem para construção dos espaços urbanos.

Nas paisagens urbanas, um conjunto de elementos, que se acumulam no *percepto*, é apreendido pelas suas qualidades estéticas: cheiros, sabores, texturas, sons, sensações visuais provocadas por inúmeras variantes, como cores, formas, luminosidade, movimentos, vazios, pessoas. Assim, os espaços urbanos, além do potencial que trazem agregado à própria imageabilidade, devem ser percebidos e sentidos, para que se possam materializar as suas imagens (MELLO, 2004, p. 45).

Sempre como veículos de comunicação imagética, os elementos que compõem as paisagens urbanas representam uma engrenagem exemplar dos infinitos modos do

pensar coletivo, contagiando as pessoas pelo desejo de refletir na própria imagem (e daí seus inúmeros substratos: imaginação, representação, simulação e criação), uma estética idealizada.

A partir da análise feita sobre o contexto que constrói imagens para as cidades, entende-se que os cenários urbanos podem ter suas paisagens personalizadas ou modificadas, de acordo com a aparência dos seus transeuntes, que se apropriam dos espaços públicos, para transformá-los em passarelas e palcos, com o objetivo de se exibirem e se comunicarem, fazendo com que as modas aconteçam.

Em meio há tempos transitórios, de oscilações e transformações cada vez mais velozes, a metrópole do capitalismo pós-industrial (leia-se informacional) opera em consonância com novos sistemas digitais, novos fluxos, redes de informações e comunicações que se estabelecem em zonas autônomas e fronteiras imprecisas, sendo possível reunir flexibilidade, reversibilidade, efemeridade, mobilidade, imaterialidade, estilos e culturas intermináveis – *generation X*: excessivo, para-normal, extraterrestre, alheio, pornô, *extasy*, contra, *excess*; o “X” é um múltiplo, sem raízes, uma espécie de ideograma que acaba incorporando o timbre sonoro do irregular, do interminável e do “eXtremo” (CANEVACCI, 2005; SMITH & TOPHAM, 2005), onde as modas que contaminam as esferas coletivas e determinam as vestes, as arquiteturas e os “traçados” das cidades, exibem “diferenças” e agenciamentos possíveis de serem visualizados nas produções híbridas e heterogêneas pertinentes a novos cenários e territórios cada vez mais camaleônicos.

Enquanto se entende que as cidades são espaços reais, onde os indivíduos transitam e interagem com tudo que está à sua volta, admite-se que os territórios são atravessados por inúmeras linhas de desterritorialização, de acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 179-215), a partir da conceituação de espaços lisos e estriados⁵, onde se projetam os

⁵ O espaço liso pode ser definido como um espaço que ainda não passou por um processo de sobrecodificação (portanto, são espaços sem agenciamento formal, onde transitam os indivíduos nômades desterritorializados). Vão se diferenciar dos espaços estriados, os quais podem ser entendidos como os espaços territorializados, balizados por limites precisos, como por exemplo, a cidade formal – espaço dos indivíduos sedentários.

indivíduos de características nômades e sedentárias. Afinal, Guattari (1992) afirma que “o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado”.

Na obra intitulada *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1997) definem bem o que seria a desterritorialização:

“A função de desterritorialização: D é um movimento pelo qual se abandona o território. É a operação da linha de fuga. (...) a D nunca é simples, mas sempre múltipla e composta: não apenas porque participa a um só tempo de formas diversas, mas porque faz convergirem velocidades e movimentos distintos, segundo os quais se assinala, a tal ou qual momento, um ‘desterritorializado’ e um ‘desterritorializante’.” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 224)

Independente das suas concepções, materiais ou imateriais, são nesses espaços de convivência onde se estabelece uma multiplicidade de comunicações entre os sujeitos que nele coexistem. Seus modos e suas conseqüentes modas, refletidos nas suas aparências, adaptam-se às condições impostas pela espacialidade e provocam uma contaminação de senso amplo, traduzindo maneirismos comportamentais e transversalidades (MELLO, 2008).

São estabelecidas relações que, na verdade, ultrapassam as bases binárias e dialéticas, de causa e efeito, onde se constata o declínio da representação enquanto percepção macro (molar) e como estrutura de uma identidade globalizante. A arquitetura, o urbanismo, a moda e suas representações na cidade obedecem a lógicas que nem sempre são unívocas ou totalizantes, mas que contaminam e se deixam contaminar por diversas esferas e suas interfaces, sejam do campo da arte, da filosofia ou da ciência.

Até mesmo as manifestações que não estão “tabuladas” pelos cânones homogêneos de poder, são entendidas enquanto possibilidades de formação de novos territórios, onde outras formas de percepção intempestivas emergem em contraposição ao pensamento dominante, a exemplo das micro ações (moleculares), das ditas “artes menores”, das expressões coletivas do cotidiano. Aspectos impregnados naquilo que podemos chamar

de “geografia informal” da cidade - *locus* do desterritorializado, aquele que não se deixa sobre codificar pelos aparelhos sociais de controle.⁶

A interconectibilidade, que transpassa o universo contemporâneo, imprime uma nova velocidade às ideias que concebem as imagens dos sujeitos performáticos nos espaços intangíveis. Espaço liso é o espaço nômade, onde se desenvolve a máquina de guerra, que faz *front* ao agenciamento imposto pelas máquinas axiomáticas dos aparelhos do Estado, das corporações ou da mídia. Como o feltro, uma espécie de anti-tecido – um emaranhado de fibras que de modo algum é homogêneo. O nômade, o desterritorializado, ao tecer, ajusta sua vestimenta e sua própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso onde o corpo se move; ao contrário dos sedentários, onde seus tecidos integram o corpo e o exterior a um espaço fechado (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 181).

No nomadismo, que traduz a condição das tribos ou povos errantes, em deslocamento constante, observa-se que os códigos culturais pluralizam a estética das suas modas. Entretanto, o nomadismo nem sempre transcende aos limites espaciais, uma vez que alguns povos nômades costumam preservar seus significados e significantes culturais. Ao mesmo tempo, a etimologia do vocábulo nomadismo compreende uma condição efêmera de ser e de estar, imposta pela sociedade contemporânea devido ao ritmo frenético que assumiu a interconectibilidade global.

Pode-se propor, portanto, a existência de uma interdependência, uma vez que, não só como um território onde transitam indivíduos, de várias origens e sob vários pretextos, a cidade é compreendida como um espaço de representação, visibilidade, sociabilidade, cultura, interação, modas e modos – seja em espaços públicos, aqui definidos por Serpa (2007, p. 9) como além de um espaço de ação política, um espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos; seja em espaços semiprivados destinados à circulação de um grande público, a exemplo dos

⁶ Máquinas axiomáticas ou aparelhos sociais de controle são compreendidos enquanto máquinas que realizam totalizações, homogeneizações, conjunções de fechamento e, portanto, capazes de agenciar “modelações” das subjetividades dos indivíduos (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

shoppings centers; seja em microterritórios reconhecidos como áreas, zonas ou bairros; seja em locais frequentados por “tribos urbanas”.

Uma dinâmica de equipamentos multifuncionais, guiada por uma nova estética, para atender à própria existência itinerante, faz com que as pessoas modernas “*habitem o próprio corpo*”, ao conceberem objetos entre a arquitetura ambiental e as necessidades imediatas de vestir, para transitarem em espaços, até virtuais (QUINN, 2003).

Assim como o nômade, o andarilho urbano é também um ser desterritorializado, porque penetra os tecidos da cidade a partir da fluidez do seu caminhar, sem destino predeterminado, próprio da sua perambulação. O andarilho é um resquício do nômade e apresenta multiplicidades de expressões estéticas nas modas e nos modos de aparentar, podendo transitar em espaços múltiplos, a partir de suas manifestações e intervenções artísticas. Inclusive, cabe lembrar que a prática da errância voluntária foi exercida por vários artistas, com maior ênfase, nas décadas de 1950 e 1960, os quais utilizavam essa experiência, enquanto atitude crítica e contestadora aos grandes planos urbanísticos e, provavelmente a partir da própria experimentação do espaço público. Procuravam trazer à tona aquilo que Hélio Oiticica declamava como: “*poetizar o urbano*”.

Os errantes modernos, e/ou nômades urbanos, são aqueles que percorrem as cidades, e fazem dessa ação (o simples caminhar) um instrumento de experimentação da urbanidade das ruas e dos acontecimentos.

A própria experiência urbana, e, em particular, a experiência corporal da cidade, pode ser considerada um tipo de micro resistência ao processo de espetacularização contemporânea. A prática da errâncias, por exemplo, pode ser compreendida como uma ferramenta singular e subjetiva, que se contrapõe aos modelos e métodos tradicionais de se pensar, e até mesmo diagnosticar a cidade.

Imagens da cultura pop e do *streetwear*, por exemplo, sugerem uma reflexão sobre os modos e as modas dos *modantis*, também como indivíduos desterritorializados. As manifestações coletivas de correntes marginais (darks, punks, góticos, *hip hop*), as experimentações ou as performances, que explodem por toda parte, mesmo que em

revoluções moleculares, estão na interface das paisagens urbanas, interferindo na imagem das cidades. As guerrilhas urbanas e uma diversa gama de expressões sociais geram uma estética particular para os espaços lisos, desterritorializados: são estéticas performáticas e posicionamentos éticos de contestação.

Logo, agrupamentos pressupõem a formação de novos espaços e territórios. Com base nos argumentos de Hardt e Negri, Magnavita (2009) reflete que tais agrupamentos podem caracterizar um novo conceito de “Multidão”, capaz de emergir uma incomensurável fonte de energia e criatividade. Nessa nova conceituação, que em nada se relaciona com a noção tradicional de Povo e Massa herdada da modernidade, a força da Multidão implica diferenciação, imprevisíveis ações, mobilidade, nomadismo e subsequentes insubordinações aos poderes hegemônicos estabelecidos.

A vitalidade, as linhas de fuga, os desejos e as potências criadoras que emanam desses agrupamentos e “tribos”, constituem um potencial incontrolável enquanto revoluções (moleculares, micros) que se fazem presentes em seus atos, formas de se comunicar, de se comportar e de se vestir, configurando-se como processos de subjetivação (individual e coletiva) que buscam uma certa emancipação social e cultural questionadores daqueles processos vigentes no senso comum.

Em tempos de processos de estetização simultânea, exacerbação do trans estético e do trans político, trabalhados por Jean Baudrillard (1992), percebe-se que grandes intervenções de interesses especulativos e políticos seguem regras hegemônicas e estetizadas, sem falar em modelos competitivos e internacionalizados em voga na *skyline* das cidades: espetacularização dos centros urbanos, arquiteturas que servem a diversos poderes e mídias, inserção de grifes globalizadas, em estreita conexão com a revolução tecnológica e a inovação digital, presentes nos sistemas das grandes corporações.

Para Baudrillard (1992, p.13), há uma sucessão de encadeamento maquínico em todos os seus processos, seja na programação infinita sem organização simbólica, sem um objetivo transcendente, ou na pura promiscuidade, que é também das redes e dos circuitos integrados. Um lugar da metástase, onde a proliferação de uma sociedade clônica prima pelo máximo de reprodução, engendradas por pequenas máquinas

celibatárias. Um levante de modelos de representação é estereotipado e elevado àquilo que esse autor denomina de grau Xérox, onde tudo se reproduz em larga escala e em velocidades absurdas.

Hoje, as redes midiáticas e sociais, que podem ser capturadas em aparelhos móveis, transmitem inúmeras informações simultâneas com imediatismo – uma forma múltipla de comunicar e interconectar o mundo em ‘tempo real’ criando uma nova dimensão temporal, espacial e emocional, pois, não apenas somos informados sobre os acontecimentos do mundo, como quase os sentimos, os vivenciamos e, o acúmulo das incessantes informações dentro de uma lógica interativa, faz com que a veracidade dos fatos seja sempre questionável e o ‘novo’ perca a sua “duração” e seja cada vez mais efêmero.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Perante o atual contexto, onde as distâncias se encurtam a cada momento, as modas parecem comungar às necessidades impostas por esses modos contemporâneos de viver, elegendo alguns produtos que são propostos pela tecnologia para atender às necessidades do desterritorialismo interconectado com espaços reais ou virtuais.

Os corpos, cada vez mais adaptados ao atual contexto, também se transformam rapidamente de acordo com os padrões estéticos contemporâneos, cada vez mais efêmeros. Se há alguns anos se recobriam por tecidos inteligentes, naturalmente amassados, propositalmente puídos e desbotados, que eram tecnologicamente concebidos, com propriedades hidrorrepelentes, bacteriostáticas, termo adaptáveis às “*less stations*”, na atualidade os corpos já se projetam pelos avatares, com vestes digitais, nas comunidades virtuais.

Essa condição tecnológica e digital, na contemporaneidade, aparece refletida na arquitetura urbana como evento. Se observa uma valorização da experiência urbana através de uma estética de comunicação midiática, impactante e espetacular. Uma experiência urbana sensorial para grandes massas transmitidas em eventos culturais, ocasionais efêmeros, parece estar na ordem do dia, a exemplo das projeções em grande

escala inseridos na paisagem e no espaço urbano, assim como nos trabalhos realizados, ainda na virada do século, pelos artistas búlgaros, Christo e sua esposa, Jeanne-Claude, conhecidos por grandes instalações de arte ambiental performáticas.⁷

Em espaços virtuais, como o Metaverso, a Inteligência Artificial tem ferramentas específicas para espetacularizar a aparência das arquiteturas (cujos traços não se comprometem com as estruturas) e dos corpos, criando formas idealizadas que constroem imagens que iconizam o ‘poder’, uma vez que as transações só podem ser feitas em criptomoedas. Trata-se, portanto, de um espaço complexo, até pela sua característica excludente, limitado aos que podem adquirir NFTs⁸ para cobrir os corpos com vestimentas da moda, com peças que só existem na esfera digital.

Novos modos de pensar engendram novos modos de ser, de aparentar, de morar e de conviver, e assim, pode-se dizer que de acordo com as modas vigentes em cada época, os designers da moda do vestuário, os arquitetos e os urbanistas incorporam aos seus projetos novos espaços, novos adornos, ou mesmo redefinem divisões que melhor se ajustam aos modos contemporâneos de viver.

Transversalmente, não seria exagero afirmar que a contemporaneidade também pode ser pontuada pela famigerada contaminação, de senso amplo e imprevisível. Um processo latente, intenso e simultâneo de inúmeras categorias: um frenesi da estetização de tudo, banalização da imagem, onde tudo é visual à beira da mercantilização e da culturalização generalizada.

No entanto, é notório que o século XXI traz modos e modas instigantes. É complexo, por exemplo, decodificar esta sociedade que projeta o ‘*homo futuris*’ e vive em *simulacro*, ou ambientada em espaços construídos em constantes devires, abrigando subjetivamente as formas efêmeras do ser e do estar. Os espaços virtuais tornam-se

⁷ Responsáveis por obras como “The Gates”, no Central Park de Nova York, e o famigerado “embrulho” realizado no Reichstag, em Berlim.

⁸ NTF (Non-Fungible Token) quer dizer “token não fungível”, algo que é único e insubstituível. Ao contrário do dinheiro físico e criptomoedas que são fungíveis, o que significa que podem ser negociados ou trocados. Cada NTF contém uma assinatura digital que o torna um produto virtual único. Um bom exemplo do que são NTFs, e de como ela se mostra na moda digital, são os tênis virtuais lançados pela *Gucci* no início do ano, ou mais recentemente as *MetaBirkins* - interpretações virtuais da bolsa mais almejada e cara do mundo. O volume das vendas de NTFs movimentou bilhões de dólares por ano.

cada vez mais ‘habitados’ pelos seres constantemente capturados pelos processos de algoritimização, que vivendo em espaços limitados às redes sociais ou ao Metaverso, se afastam dos hábitos mais tradicionais da cultura humana, onde a teoria estética preocupa-se com a espacialização do tempo, enquanto o progresso é um objeto teórico e o tempo é histórico e sua dimensão primária.

Porém, o corpo humano, mesmo tendo como cada vez mais imprevisível o espaço no qual irá transitar, continuará sendo a referência de unidade espacial das concepções que o estarão revestindo, as quais, dificilmente deixarão de seguir as modas, que, de acordo com os modos, estarão em busca de uma adaptação a novos modos de existir através das suas camadas de proteção – em alguma esfera das vestimentas, das arquiteturas e dos espaços de sociabilidade, e, apesar dos espaços virtuais tornarem-se cada vez mais ‘transitados’, as cidades ainda representam o espaço materializado destinado ao convívio coletivo e, a uni multiplicidade icônica, pertinente às paisagens construídas dos cenários urbanos, tem significados, a partir das informações que são passadas por cada um dos seus elementos isolados e pelo conjunto da sua composição; entretanto, a condição fenomenológica comum às modas e aos modos, às cidades e ao universo imagético, impede que a *skyline* das cidades seja determinada, tão somente, a partir das suas formas, e assegura-lhes uma propriedade que transcende ao que pode ser materialmente visível, desafiando o observador a percebê-la na sua dimensão imaterial, de efeito pluralista e mutante.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP: Papirus, 1992.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, Volume 3, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, Volume 5, 1997.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica-cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1993.

MAGNAVITA, Pasqualino R. **Sensibilidades na era do capitalismo pós-industrial. O conceito de Multidão: uma nova dimensão ética/estética.** Anais do VI Colóquio Franco-Brasileiro de Estética: o sensível contemporâneo. Salvador, 2009.

MELLO, Márcia M. Couto. **Salvador Multimagética.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: UFBA, 2004. 259f.

_____. Design, moda, arquitetura e urbanismo: uma geometria transversal. In: Pires, Dorotéia B. (org.) **Design de Moda: olhares diversos.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008, p.75-93.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **O que é um ensaio-teórico? Documentos e Debates** • Rev. adm. contemp. 15 (2) • Abr 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?lang=pt> (acesso em 23.05.23)

QUINN, Bradley. **The fashion of architecture.** Berg: Oxford, 2003.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Ariadne Moraes. **Entre processos e perceptos – arquiteturas contemporâneas: multiplicidade e heterogeneidade de expressões estéticas.**

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Salvador: UFBA, 2009. 218f.
SIMMEL, Georg (1902). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.11-25.

SMITH, Courtenay; TOPHAM, Sean. **Xtreme fashion**. London: Prestel, 2005.